

Projeto Vidas Paralelas Indígena: revelando o povo guarani do Espírito Santo, Brasil.

Proyecto Vidas Paralelas Indígena: revelando el pueblo guaraní de Espírito Santo, Brasil.

Project Indigenous Parallel lives: revealing the guarani people of Espírito Santo, Brazil

Vilma Benedito de Oliveira ¹
 Maria da Graça Luderitz Hoefel ²
 Edgar Merchán-Hamann ³
 Denise Osório Severo ⁴
 Silvéria Maria dos Santos ⁵
 Maria Gorete Gonçalves Selau ⁶

RESUMO

Este relato de experiência se refere ao povo Guarani da aldeia Boa Esperança (*Tekoa Porã*), localizada no município de Aracruz (Estado de Espírito Santo). O mencionado povo, pertencente ao grupo Mbya, migrou desde a década de 1940, partindo do Rio Grande do Sul até a sua localização atual. Enfatiza-se a relação de conflito com a multinacional Aracruz Celulose e a regularização das terras dos povos Guarani e Tupinikim. No que se refere à cultura,

1 Estudante de Enfermagem. Faculdade de Ciências da Saúde (FS) – Universidade de Brasília (UnB);

2 Doutora em Sociologia. Professora do Departamento de Saúde Coletiva (FS/UnB), Coordenadora do Projeto Vidas Paralelas Indígena (PVPi);

3 Doutor em Saúde Pública. Professor do Departamento de Saúde Coletiva (FS/UnB), tutor do PVPi;

4 Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde da UnB; Pesquisadora Associada do Núcleo de Estudos em Saúde Pública / NESP, tutora do PVPi;

5 Doutora em Enfermagem. Professora do Departamento de Enfermagem (FS/UnB), tutora do PVPi;

6 Médica. Servidora do Governo do Distrito Federal, tutora do PVPi.

detaca-se a espiritualidade e o uso de um local sagrado não havendo, contudo, um pajé que atenda outras necessidades espirituais. No que tange à atenção à saúde da população, a mesma precisa de ampliação de cobertura e de melhor infraestrutura. Destaca-se a necessidade de formação de um número maior de estudantes indígenas em universidades.

Palavras-chave: educação indígena; saúde indígena; indígenas Guarani do Brasil.

RESUMEN

Este relato de experiencia se refiere al pueblo Guarani de la aldea Boa Esperança (*Tekoa Porã*), localizada en el municipio de Aracruz (Estado de Espírito Santo). Ese pueblo, perteneciente al grupo Mbya, migró en la década de 1940, partiendo de Rio Grande do Sul hasta llegar a su ubicación actual. Se destaca el conflicto con la multinacional Aracruz Celulose, la lucha por la posesión de la tierra y la reciente regularización de las tierras de los pueblos Guarani y Tupinikim. En lo que se refiere a su cultura, se destaca su espiritualidad y el uso de un local sagrado no habiendo, sin embargo, un pajé que atienda otras necesidades. Con

respecto a la atención a la salud de la población, hay necesidad de ampliación de cobertura y de mejor infraestructura. Destacase también la necesidad de formación de un número mayor de estudiantes indígenas en universidades.

Palabras-clave: educación indígena; salud indígena; indígenas guaraní del Brasil.

ABSTRACT

This experience report is about the Guarani community from the Boa Esperança village (Tekoa Porã) located in the municipality of Aracruz (state of Espírito Santo, Brazil). This community, which is part of the Guarani group Mbya, migrated from Rio Grande do Sul to their current settlement in the 1940s. This article highlights the conflict with the Aracruz Celulose multinational, the fight for the land, and the recent 2009 regulation on Guarani and Tupinikim lands. Regarding culture, it underlines their spirituality and the use of a sacred site although there is not a medicine man (*pajé - chaman*) to service other needs. With respect to health assistance to the community, coverage extension and an improved infrastructure are necessary. The requirement of providing more indigenous students with university education is also highlighted.

Key words: Brazilian indian education; Brazilian indian health; Brazilian guarani indians; Brazil first nations.

INTRODUÇÃO

O povo Guarani habita vários países da América Latina, dentre eles, Brasil, Argentina, Paraguai, Uruguai e Bolívia¹. No Brasil, é uma das tribos mais populosas do país, ocupando os

Estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Mato Grosso do Sul e Pará. O território dessa tribo indígena é o solo em que pisa, pois os Guaranis acreditam que Tupã fez um mundo para todos, em que não há um único dono, nem divisões ou fronteiras.

Devido às diferenças na área de cultural e de linguística, a antropologia divide os Guaranis em três subgrupos: Mbya, Nhandeva e Kaiowá².

Apesar do contato inevitável com a sociedade não indígena, o povo Guarani preserva a sua cultura, religião, organização social e mitos. Nos dias de hoje, enfrentam diariamente o preconceito da sociedade “branca”, que julga os Guaranis como um povo atrasado e parado no tempo. Todavia, os Guaranis são simples e guerreiros. Acreditam que, se forem pessoas boas e obedientes aos ensinamentos transmitidos pelos mais velhos e pelos pajés, terão uma passagem para um mundo melhor, que denominam de “terra sem males”, no plano espiritual.

Os Guarani são extremamente religiosos, com a crença de que todos os acontecimentos da vida possuem uma explicação espiritual. Nota-se comum a movimentação de um Estado para outro ou de uma aldeia para outra. Essa constante mobilidade proporciona casamentos, estreita os laços entre familiares e mostra também um cunho religioso. Ao mesmo tempo em que estão espalhados nos diferentes Estados brasileiros, há uma interação intensa entre os integrantes da tribo. Por exemplo, todos os anos são realizadas festas de batizados (*nhemongarai*), com o encontro de índios

de vários Estados para uma tarefa especial: confraternizar e celebrar a vida. A cultura Guarani valoriza muito o conhecimento dos integrantes idosos, que são considerados os mais sábios, revelando-se como verdadeiras autoridades no âmbito da aldeia.

Contextos étnico e geográfico

O subgrupo Guarani Mbya, em atividade de migração que teve início na década de 1940, deslocou-se do Rio Grande do Sul para o Espírito Santo, instalando-se neste último em meados da década de 1960². A migração ocorreu após uma revelação dos “grandes espíritos” *Nhanderú* à matriarca líder xamânica, Tatãtxi Ywa Reté. Essa revelação fez com que a matriarca e seus familiares saíssem em caminhada (*Oguatá porá*) pela costa brasileira, passando por boa parte da Mata Atlântica, rumo à “terra sem mal”, uma espécie de paraíso para os índios, no qual encontrariam fartura de alimentos, de caça e muito mel. Durante os anos em que viveram nesse deslocamento, alguns familiares da matriarca, nos locais de passagem, construíram suas próprias aldeias. Esse elemento explica a existência de várias aldeias de Guarani ao longo do litoral brasileiro.

Ao chegarem no Estado do Espírito Santo, os Guarani se instalaram na cidade de Guarapari, no sul do Estado. Entretanto, guiados pela revelação espiritual, esses índios sabiam que aquela cidade não era sua parada final. De lá, foram para o norte do Estado e encontraram o povo Tupinikim, que os recebeu fraternalmente, culminando com a fundação da primeira aldeia Guarani, denominada de Boa Esperança (*Tekoa Porã*). Essa aldeia ficava próxima do mar e da aldeia Caeiras Velha.

No Estado do Espírito Santo, esses indígenas habitam o município de Aracruz, distante 80 quilômetros de Vitória, com uma população total de aproximadamente, 269 pessoas, dividida em quatro aldeias: Três Palmeiras, Boa Esperança, Piraque-Açú e Olho d'Água. Estão localizadas perto do mar (Figura 1).



Figura 1. Região do Espírito Santo - terras indígenas do povo Guarani.

Os Guarani, tão logo se instalaram nas terras Tupinikim, reuniram-se com estes na luta pela retomada de suas terras que, à época, estavam sob a propriedade da empresa multinacional Aracruz Celulose (Aracel). Existe uma integração muito forte entre os Guaranis e Tupinikins; quando necessitam tomar alguma decisão pertinente ao grupo, os integrantes dessas tribos discutem em conjunto e depois compartilham a experiência com as demais comunidades. Não há Cacique que detenha mais poder do que o outro, com mútuo respeito e sem invasão de poderes dentro de uma jurisdição (figura 2). Nada impede, porém, que haja decisões que atingem toda a comunidade ou apenas uma aldeia específica.



Figura 2. Ligerança indígena Guarani.

A luta conjunta pela terra durou muitos anos e ambos sofreram durante a primeira e a segunda demarcação. Enfrentaram juntos os problemas de humilhação em relação à mídia local e de discriminação da sociedade adjacente. Houve vários momentos de tensão e conflitos com a empresa Aracel, o que resultou em muitos índios feridos pelas balas de borracha disparadas pela Polícia Federal em 2006.

Em que pese a atuação da Fundação Nacional do Índio (FUNAI), sempre presente nas aldeias localizadas no Estado do Espírito Santo, nada garantiu o direito à terra, muito menos à realização das demarcações. Somente após pressão, união e valentia dos povos Guarani e Tupinikim, totalmente mobilizados, inclusive em países estrangeiros que compravam os produtos da Aracel, finalmente esses povos conseguiram ser ouvidos pelas autoridades. Assim, em novembro de 2009, o então Presidente Luis Inácio Lula da Silva assinou a homologação das terras Comboios e Tupinikim

Ensino superior público

Atualmente há três alunos Guaranis que

estudam Licenciatura Intercultural do Sul da Mata Atlântica, no Estado de Santa Catarina. Esse curso é específico para formação de educadores Guarani, Kaingang e Xoclog. Também há um indígena que foi educadora na aldeia Três Palmeiras que atualmente estuda na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

É importante ressaltar que em todas as escolas das aldeias indígenas Tupinikim e Guarani, os próprios indígenas realizam o papel de educadores. Esse processo de educação diferenciada teve início após várias reivindicações e discussões locais e nacionais dos indígenas. Atualmente no Município de Aracruz, o calendário escolar e o currículo apresentam uma diferença dos demais grupos sociais, em que são desenvolvidas propostas pedagógicas adequadas para o cultivo da cultura desses povos. Notam-se, porém, muitos desafios a serem vencidos e parte dos recursos obtidos pela Prefeitura Municipal não é devidamente aplicada na educação indígena. Há muita carência de escolas e em muitas delas a estrutura física não comporta o número de alunos, fato que contribui para a insatisfação dos estudantes, com a decorrente geração de conflitos entre estes e os professores.

Na aldeia de Caieras Velha aguarda-se a construção de uma escola com melhor e maior infraestrutura. Já na aldeia Três Palmeiras (Guarani) nota-se a existência de uma escola com poucas salas de aula e estrutura inadequada. As crianças usam o espaço da cabana comunitária para brincar e merendar. Não há uma biblioteca capaz de incentivar a pesquisa e a leitura.

Cultura

Apesar do contato com outros grupos sociais, a cultura Guarani se mantém preservada. Há realizações de festas de batizados de crianças e rituais de cura na casa de reza. A música Guarani é cantada pelo coral mirim (Figura 3) e pelos demais membros da comunidade. Os instrumentos utilizados são a rabeça (instrumento de madeira, com cordas) e o tambor feito de madeira. Há momentos durante as festas em que somente as mulheres dançam, e o mesmo ocorre em relação às crianças e aos homens, assim como há momentos em que todos dançam juntos.



Figura 3. Coral mirim guarani - crianças cantam e dançam.

A casa de reza (*Opy*) é um local religioso da comunidade onde são realizadas curas, cantos e danças (figura 4). O *Yraydjá* comanda todos os trabalhos dentro da casa de reza. As mulheres se encarregam de manter os *petenguás* (cachimbos) acesos, a água quente. A *Opy* deve ser construída perto da mata, com abertura em direção ao leste, onde nasce o sol.



Figura 4. *Opy*, local religioso - Aldeia Três Palmeiras.

O Pajé repassa seus conhecimentos aos mais jovens durante os rituais, numa tradição oral que é utilizada para instruir todos os integrantes da comunidade a viverem em harmonia e em paz, em consonância com o mundo espiritual.

Existe sempre o trabalho de algumas igrejas evangélicas na tentativa de conversão do povo à religião cristã evangélica. No entanto, não há aderência por parte dos indígenas, pois estes acreditam que Nhanderú já deixou sua própria religião e que esta deve ser seguida.

Os Guarani trabalham basicamente em suas roças, produzem e comercializam seus artesanatos, que variam: há cestos feitos de taquara, maracás, machadinhas de pedra, pau-de-chuva, leques, brincos e colares feitos de sementes e penas.

São consideradas as principais atividades de lazer, o artesanato (figura 5) e o futebol. As mesmas ocorrem nos fins de semana e a torcida feminina está sempre presente durante os jogos.



Figura 5. Artesã guarani.

Saúde

O povo Guarani utiliza medicamentos halopáticos, mas ainda há alguns indígenas que recusam-se a ser vacinados e a receber os fármacos oferecidos pela equipe multidisciplinar de saúde. Há alguns anos, as índias tinham seus partos realizados em casa com o auxílio de uma parteira. Atualmente, já existem algumas gestantes que realizam o exame o pré-natal na aldeia e são encaminhadas ao hospital para o trabalho de parto.

Diante da doença, na ocorrência de gripe, por exemplo, os indígenas utilizam ervas medicinais para o tratamento, mas quando percebem que é algo mais complicado, procuram um médico. Quando acreditam estar doentes em decorrência de problemas espirituais, procuram os Pajés para o tratamento e este é realizado segundo as revelações dadas pelos espíritos.

Atualmente, nas aldeias Guarani localizadas no Estado do Espírito Santo, não

há Pajé. Logo, quando há necessidade de um tratamento espiritual, os indígenas de todas as comunidades contribuem com uma pequena quantia em dinheiro para custear as despesas de vinda do Pajé à comunidade.

Contexto Sanitário

As aldeias Guaranis recebem água tratada, mas o sistema de esgoto ainda não recebe tratamento. Assim, são utilizadas apenas fossas sépticas. Há coleta de lixo em alguns dias da semana, por uma empresa que presta serviço para a prefeitura do município.

As três aldeias Guarani recebem atendimento de saúde na Unidade Básica de Saúde (UBS) localizada na aldeia Pau Brasil. Porém, a estrutura é pequena e insuficiente para a realização das atividades propostas pela Equipe Multidisciplinar de Saúde e o local necessita de ampliação ou construção de um novo prédio. Essa equipe Multidisciplinar é composta por motoristas, uma enfermeira, uma médica, uma odontóloga, dois agentes indígenas de saúde, dois agentes de saneamento básico, duas técnicas em enfermagem, uma nutricionista, uma psicóloga e uma assistente social. A odontóloga e a médica atendem tanto a aldeia Guarani como a aldeia de Pau-Brasil.

Pelo fato de não existir UBS na aldeia Boa Esperança, a comunidade Guarani se desloca para receber atendimento na aldeia Pau-Brasil, mas os indígenas do local anseiam pela construção de um consultório odontológico em sua própria aldeia, com um profissional que tenha exclusividade para atendê-los. A nutricionista, a assistente social e a psicóloga também trabalham em jornada

de rodízio em todas as aldeias do município. Além desses profissionais, também atendem na aldeia Guarani, uma vez por semana, uma pediatra e um ginecologista. Quando não é possível resolver os problemas de saúde na Unidade Básica da aldeia, os pacientes são encaminhados para atendimento no hospital São Camilo, em Aracruz, ou para consultas com especialistas do município. Os pacientes com problemas de saúde mais complexos são encaminhados à Vitória.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No que diz respeito à saúde, além da melhora na infraestrutura sanitária, há uma necessidade sentida pela comunidade, de hortas comunitárias que proporcionem o cultivo de ervas medicinais. Esta é uma demanda que deveria ser atendida pela Secretaria Especial de Saúde Indígena (SESAI), mostrando respeito e valorização dos conhecimentos milenares do povo Guarani. A SESAI deveria também investir na garantia de recursos financeiros para o deslocamento interestadual de Pajés com o objetivo de realização de batizados e/ou tratamentos de doenças pela utilização da espiritualidade.

Poucos jovens da tribo Guarani estão inseridos nas Universidades Públicas. Há uma necessidade e anseio da criação de sistema de cotas em várias instituições de ensino superior que permita a inclusão dos indígenas. Algumas aldeias não possuem internet, o que impossibilita a construção de um laboratório de informática nas comunidades. Isso seria mais uma ferramenta para facilitar o aprendizado dos alunos nas escolas e sua integração à cultura digital. Também há necessidade de que

os indígenas sejam incentivados a aprender o manuseio de tais recursos tecnológicos para adquirirem novos conhecimentos, troca de experiências com outros povos já inseridos na atividade digital.

REFERÊNCIAS

Azevedo M, Brand A, Heck E, Pereira LM, Meliá B. Guarani Retã 2008: Povos Guarani na fronteira Argentina, Brasil e Paraguai. UNaM, ENDEPA; CTI, CIMI, ISA, UFGD; CEPAG, CONAPI, SAI, GAT, SPSAJ, CAPI. Coordenação do mapa 2008: Georg Grünberg. Disponível em: <http://pib.socioambiental.org/pt/povo/guarani-nandeva/print>. Acesso em 30/11/2011.

Teao KM, Loureiro K. História dos índios do Espírito Santo. Vitória: Editora do Autor. 2009

Agradecimento: agradeço informações obtidas junto ao indígena Guarani Mauro Luiz Carvalho, estudante do Mestrado em lingüística Guarani, na Universidade de Brasília.